

‘A MEGA-ACADEMIA ENQUANTO UM NÃO-LUGAR (FILMADO)’

The Big Gymnastics Academy as a Non-Place (Filmed)

Marta Peres^a

^(a) Departamento de Arte Corporal; Escola de Educação Física e Desportos (UFRJ), Rio de Janeiro, RJ – Brasil, e-mail: martasperes@gmail.com

Resumo

Esta comunicação enfoca a utilização de câmeras e outros dispositivos de vigilância, segurança e monitoramento em locais denominados ‘mega-academias de ginástica’, e consiste num dos desdobramentos de minha tese de doutorado, em que pesquisei o culto ao corpo e a prática de atividade física em diferentes contextos sócio-econômicos de Brasília (UnB, 2005). Globalizadas, estas academias podem ser compreendidas a partir da noção de ‘não-lugar’ (AUGE, 1994), ao questionarem a noção de territorialidade e compartilharem características de hospitais, hotéis, aeroportos e *shopping centers* – onde estão, com frequência, situadas. Nelas, o espaço é suspenso pelo tempo, por um sistema de ar-condicionado central que simula uma ‘primavera perpétua’ (BAUDRILLARD, 1975), jardins, pisos assépticos, salas de espera com tevês e câmeras avisando: ‘sorria, você está sendo filmado’. As crianças que aguardam seus pais no ‘*Child Care*’ são observadas pelo monitor em frente aos aparelhos ergométricos. Há câmeras em cada etapa do trajeto de um personagem fictício: saída da garagem de condomínio residencial, por controle remoto, utilização de cartão magnético para estacionamento *vip* do *shopping*, passagem por portas pantográficas, equipamento fotossensível a impressões digitais, roleta eletrônica, ‘malhação’ em aparelhos e aulas coletivas. As câmeras são parte de uma opção por um trabalho corporal, já que um elemento recorrente no depoimento dos entrevistados foi a segurança oferecida pela academia, se comparada a espaços livres urbanos. Além de fazerem parte de um determinado conceito arquitetônico, elas marcam um ‘estilo de vida’ que se prolonga desde a residência e o trabalho até os momentos de lazer e atividade física.

Palavras Chave: Corpo; Academias de Ginástica; Não-lugar; Atividade Física; Medo Urbano.

Abstract

This text deals with big gymnastic academies where there are cameras and other security devices. This is part of my PhD theses which subject is body worship and physical activity practice in different social economical classes in Brasilia, Brazil (UnB, 2005). The big academies are globalized ambiances that can be understood as ‘non-places’ (AUGE, 1994). Space is suspended by time in a ‘perpetual springtime’ (BAUDRILLARD, 1975). In general, as hospitals, hotels, airports and shopping centers, they have conditioned air system, artificial gardens, televisions and cameras with the advice: ‘smile, you’re on security camera’. Children wait for their parents in a special room from where they can be watched too. Each part of a fictional character journey is filmed: garage of his

residence, parking in the shopping center, electronic entrance doors, work-out devices and gymnastic group class room. Cameras make part of the choice for a specific physical activity practice, as interviewed speeches. They say these places offer security compared to open-air urban places. They are not only part of an architectonic concept but also a kind of life-style in which residence, work and work-out places have much in common.

Keywords: Body; Gymnastic Academies; Non-Places; Physical Activity; Urban Fear;

INTRODUÇÃO

O que nos reúne aqui, após o esforço de uma viagem, nos afastando da família e nos ausentando das aulas? Um impulso comum, certamente, é a ânsia de compreender estes tempos. Uma tensão instigante entre aceitar com naturalidade este modo de viver – como acreditando que não houvesse outro – e o susto de um estrangeiro perplexo ante uma realidade absurda a nossos olhos.

Circulando por espaços protegidos por sistemas de segurança, em situações corriqueiras como a prática de atividade física, nossa condição de ‘indivíduos’ é permanentemente ‘recordada’ por meio de câmeras. Além destes dispositivos, os espelhos, que funcionam como câmeras ao avesso, devolvem a imagem de nossa aparência momentânea, ainda que quiséssemos ignorá-la por alguns instantes.

Este ensaio parte de um desdobramento de minha tese de doutorado em Sociologia (PERES, 2005) que abordou o culto ao corpo na sociedade contemporânea, e aponta para novas pesquisas, ainda em andamento. Considerando-a parte de um conceito arquitetônico e de um modo de viver, a temática das câmeras de segurança nas ‘mega-academias de ginástica’, é fruto de uma reflexão em que o corpo e o espaço onde vive servem de metáfora para a relação entre formas de subjetividade e sociedade.

Chega a ser um lugar-comum a afirmação de que as pessoas constroem o espaço em que vivem assim como são construídas por ele. Observemos a comunicação e o tipo de sensação que se estabelece conforme a disposição das carteiras numa sala de aula, enfileiradas ou em círculo, os bancos de uma igreja, fiéis uns em relação aos outros num ritual, os assentos da platéia no teatro, sem mencionar a presença ou não de passantes desconhecidos assistindo, holofotes, câmeras ao redor do acontecimento...

Demonstrando que a configuração de sensibilidades atual não é a ‘única possível’, Rodrigues ressaltou a historicidade dos contatos corporais, da suportabilidade a odores e sabores, das percepções auditiva, tátil, e visual (RODRIGUES, 1999, p. 15-16). Seu estudo acerca da Idade Média, tomando o corpo como questão, nos levou à observação de quê, também em

outros períodos, existe uma íntima relação entre a maneira como se lida com o corpo – saúde, beleza, sentimentos de medo e prazer - e as configurações espaciais, enquanto manifestações concretas de formas de subjetivação.

O livro de quadrinhos ‘Os Lobos dentro das Paredes’ (GAIMAN; MCKEAN, 2006) tem como enredo uma família que se depara com o medo. No início, o irmão, o pai e a mãe não acreditam nos avisos de Lucy, que ouve ruídos e tem certeza de que ‘existem lobos dentro nas paredes de sua casa’. Mesmo assim, os três afirmam que, ‘se os lobos saírem das paredes, está tudo acabado’.

Partindo do pressuposto de que o conceito arquitetônico e urbanístico do qual o sistema de segurança faz parte afina-se com determinadas constituições de sensibilidade, apresentamos três momentos históricos e seus respectivos símbolos, com pontos de continuidade e de ruptura entre eles: a época medieval e o ‘amontoamento’; a modernidade e, juntamente com o advento do indivíduo, o ‘espelho’; a hipermodernidade, termo abrangente referente a nossos dias, emprestado de Augé (2003) e suas ‘câmeras’. Nos subtítulos, o primeiro é ‘ontem’, por sua ligação com o passado, inscrito no que se classificam como ‘sociedades tradicionais’. A modernidade, em seu projeto de romper com o antigo (Ancien Régime), apontou para o ‘futuro’. Por razões óbvias, o último é nosso ‘hoje’. Trata-se, indiscutivelmente, de uma provocação, que faz uso de metáforas sem a pretensão de detalhar especificidades ou fazer generalizações, pois não se trata de um texto de História, mas sim uma abordagem de maneiras de estar no mundo baseada em ‘tipos-ideais’¹. Ao situar o lugar do medo, buscou-se compreender quais são os ‘lobos’ e que tipo de parafernalias construímos em cada um desses momentos.

A mega-academia – instituição que serve ao cuidado com a saúde e ao lazer – responde às necessidades de um modo de vida marcado pela abundância, em especial, no acesso à alimentação, além da vigilância sobre a boa-forma e da preocupação com segurança. Surgida por volta da década de 1990, ela compartilha com os aeroportos, hotéis de luxo, modernos hospitais, hipermercados, lojas de departamentos e shopping-centers - onde está situada, com frequência - de características que compõem um ‘não-lugar’ (AUGÉ, 2003): ambiente impessoal, gigantescos pés-direitos, sistema de refrigeração central, pisos sintéticos assépticos, espelhos, vidraças, roletas eletrônicas, inúmeras câmeras de segurança dotadas do aviso ‘Sorria, você está sendo filmado’.

¹ Segundo Max Weber, o tipo-ideal consiste num recurso metodológico que orienta o cientista na inesgotável variedade de fenômenos da vida social, enfatizando determinados traços, até concebê-los em sua expressão mais pura, como raramente se apresentam na realidade (COHN, 1989, p.8).

Em princípio, atentamos para a preocupação com a segurança propriamente dita, ou seja, a violência urbana e onipresença de câmeras. Além do propósito precípua das câmeras, o verbo sorrir, conjugado no imperativo, remete à idéia de ‘posar’, ‘ficar bem na foto’, pela fisionomia e aparência esbelta do corpo, justamente um dos principais objetivos de quem se matricula na academia. Ainda que a imagem venha a ser assistida somente pelos funcionários da segurança e não por milhares de telespectadores, como num programa de reality-show, o fato é que os freqüentadores sabem que estão sendo filmados e não desejam ‘fotografar’ mal, seja naquelas ou em quaisquer outras câmeras, que podem ser também o olhar dos outros.

No entanto, até este ponto está sendo colocado em questão somente o aspecto ‘macroscópico’ da segurança. De fato, seus freqüentadores não são apenas ‘filmados’, mas buscam também ser monitorados, no nível de sua fisiologia interna. Pode-se compreender a academia como um grande laboratório em que se controlam as variáveis ambientais e corporais, por meio da utilização de sofisticados equipamentos que servem para registrar sinais biológicos, funcionando como uma espécie de micro-câmeras sobre o organismo de seus praticantes. Esta tecnologia está afinada com outras práticas da medicina no que diz respeito ao acesso precoce ao diagnóstico de doenças, de modo que entramos no campo da vigilância médica, ligada ao controle de riscos na saúde e, em última instância, ao medo da morte.

Somados aos elementos arquitetônicos, equipamentos informatizados, aparelhos ergométricos e de musculação compõem um ambiente controlado, a fim de favorecer que as intervenções propostas ocorram com uma margem de erro mínima. O que está em jogo na preocupação com segurança espacial - ‘macro’ — e corporal, biofisiológica - micro?

ONTEM: amontoamento à penumbra

Esta breve incursão no universo medieval propõe vislumbrar a modernidade enquanto um ‘desmoronamento’ que espalha até hoje destroços pelos ares. Cenas de guerra, violência e insegurança povoam o imaginário corrente a respeito da Idade Média. No entanto, sob certo aspecto, a atitude do homem medieval diante da vida era relativamente estável, comparada ao mundo que viria a se descortinar após aquela ruptura de paradigma. Apesar de todos os subseqüentes avanços tecnológicos, tem-se a impressão de que dele se ‘arrancou o chão’ e ‘o quê’ teria sido colocado no lugar é tema de infindáveis debates.

Primeiramente, chamamos atenção para o fato de que se deve ter cuidado para evitar generalizações e não atribuir homogeneidade ao ‘outro’. De fato, a Idade Média abarca uma multiplicidade de regiões, povos, grupos, numa pluralidade de tempos (RODRIGUES, 1999,

p. 19). Em termos gerais, refere-se ao período de aproximadamente dez séculos que se estende entre a queda do Império Romano (476 d.C.) e a tomada de Constantinopla pelos turcos (1493), durante o qual o território europeu se fragmentou politicamente em inúmeras unidades de subsistência, os feudos. Aqui, porém, não visamos elencar especificidades, mas sim apresentar um quadro geral de certo tipo de ‘visão de mundo’ que viria a ser substituída mais tarde.

Se do ‘lado de fora’ do convívio humano reinava o medo, ‘dentro’ encontrava-se segurança e sentimento de pertencimento coletivo. Sob circunstâncias de perigo, todos, inclusive os camponeses, se refugiavam no castelo do senhor feudal, símbolo material de proteção.

É amplamente difundido o discurso do cristianismo vigente a respeito das tentações da carne, da repressão ao sexo, da prescrição de privações por meio do jejum e das ameaças de castigo no fogo dos infernos após a morte. Portanto, não se deseja fazer uma apologia de um período em que ainda não reinava soberano o ‘vil metal’. Por outro lado, a motivação para denominá-lo, de maneira preconceituosa, ‘Idade das Trevas’, pode residir no fato de que, quando as pupilas ainda não se acomodaram à penumbra, é mais difícil definir as fronteiras entre os objetos. Neste caso, trata-se mais de nossa incapacidade de enxergar contornos não demarcados o bastante do que propriamente de total falta de luz.

Usualmente, aquela época é definida pelo negativo: dotados de positividade, situam-se, de um lado, a Antiguidade, e de outro, as Idades Moderna e Contemporânea, tempos da indústria, do capitalismo e do progresso. Entre elas, situa-se algo ambíguo e vago: ‘medieval’ chega a ser uma categoria de acusação, segundo Rodrigues, devido a uma ‘armadilha preparada por nosso próprio etnocentrismo’. A Idade Média consistiria no ‘outro’ específico da civilização moderna e contemporânea e, sob uma relação quase antagônica, esta parte de nós que recusamos presta-se bem para contrastar e relativizar nossas próprias concepções e sensibilidades (RODRIGUES, 1999, p. 19).

De fato, o espírito moderno irrompeu construindo separações entre o que estava unido, elaborando explicações lógicas à ‘luz’ da razão. A instauração da ciência moderna rompeu uma espécie de ‘intimidade’ entre o terreno e o divino. Na mágica concepção medieval, imbricados o imanente e o transcendente, o ‘milagre’ era a única maneira de se modificar a ordem das coisas, o que viria a dar lugar às causas físicas e a um mundo concebido como mecanismo (RODRIGUES, 1999, p. 44 - 47). Uma cosmovisão que postulava a ‘integridade absoluta do universo’, onde a Terra era considerada um ‘ser vivo’ e o cosmos, uma unidade orgânica (RODRIGUES, 1999, p. 41-43) separa-se, de maneira longínqua, de nossas subjetividades atuais.

A primeira impressão que se tem da época é de ‘amontoamento’, o que não tem necessariamente a ver com pobreza, mas sim com um modo de ser e de viver. O que para os cidadãos ricos das sociedades capitalistas costuma ser representado em termos de oposições, ao homem comum medieval, apresentava-se como interpenetração e equivalência. As casas possuíam, em geral, somente um cômodo, onde convivia um grande número de pessoas e... animais (!). Esses padrões culturais manifestavam-se em variadas esferas de existência – na superposição das casas, no apinhamento das ruas, na utilização, por diversas pessoas, da mesma cama, do mesmo prato, do mesmo banco.

Os atuais cômodos e móveis especializados representam uma modificação de mentalidades posterior ao século XII, difundida lentamente pela sociedade e que até hoje pode indicar um privilégio de classe. A invenção da ‘privada’ - o ‘vaso sanitário’ - no final do século XVI, e a lenta absorção de seu uso, consistiu num aperfeiçoamento técnico fundamental para nossas sensibilidades. Prova disso é que o Palácio de Versalhes, construído sem se medir despesas, no século XVII, não possuía banheiros nem muito menos privadas. Com aura de ‘novidade inglesa’, a privada ‘seca’ viria a ser introduzida na França no século XVIII (RODRIGUES, 1999, p. 105).

A radical fragmentação do universo medieval desdobrou-se em expressões cada vez mais elaboradas. Novas maneiras de pensar e de sentir originaram diversos tipos de separação: entre adultos e crianças, sãos e doentes, mortos e vivos, e entre as esferas do público e privado. Os interesses próprios praticamente não eram separados dos comuns e não se conhecia o sentido da ‘privacidade’, de modo que o medievo pode ser compreendido em termos de proximidade, promiscuidade e, por vezes, multidão:

‘Na época feudal, o espaço [...] jamais estava previsto, no interior das grandes moradas, para a solidão individual, senão no breve instante do trespasse, da grande passagem para o outro mundo. Quando as pessoas se arriscavam fora da clausura doméstica, era ainda em grupo. Todas as viagens eram feitas pelo menos em dupla. [...] A sociedade feudal era de estrutura tão granulosa, formada de grumos tão compactos que todo indivíduo que tentasse se libertar do estreito e muito abundante convívio que constituía então a privacy, isolar-se, erigir em torno de si sua própria clausura, encerrar-se em seu jardim fechado, era imediatamente objeto, seja de suspeita, seja de admiração, tido ou por contestador ou então por herói, em todo caso impelido para o domínio do ‘estranho’, o qual, atentemos às palavras, era a antítese do ‘privado’ (DUBY, 1995, p. 503-504).

Ao invés de se oporem à vida privada, as ruas medievais serviam como um ‘prolongamento’ dela. Embora, para nossos padrões, pareçam ruidosas, estreitas e mal-cheirosas, elas exerciam

grande atração e contrastam com as primeiras ruas modernas que prenunciavam o que viria a se acentuar: os ricos, isolados em seus veículos particulares, numa inédita sensação de liberdade, deixariam de perceber qualquer significado na paisagem urbana circundante que não fosse ‘um meio para seu próprio deslocamento’(RODRIGUES, 1999, p. 104). Descartes prenunciara aquilo que o Barão Haussmann viria a colocar em prática em Paris, no século XIX, e o prefeito Pereira Passos, no Rio de Janeiro, no início do século XX, com a abertura de grandes avenidas:

‘[...] As edificações que um único arquiteto planejou e executou são de modo geral mais elegantes e mais cômodas que aquelas que vários tencionaram melhorar fazendo uso das velhas paredes construídas para outros fins. Também as antigas cidades que, sendo no princípio apenas aldeias, tornaram-se, no correr dos tempos, grandes cidades, são geralmente mal traçadas em comparação às cidades regularmente construídas que um arquiteto profissional planejou livremente, numa planície aberta; desse modo, embora vários edifícios das primeiras possam muitas vezes igualar ou superar em beleza os das últimas, quando se observa sua justaposição indiscriminada, ali um grande prédio aqui um pequeno, e a conseqüente sinuosidade e irregularidade das ruas, fica-se disposto a admitir que o acaso, mais que qualquer vontade humana guiada pela razão, deve ter levado a uma tal disposição’(RODRIGUES,1999, p. 108).

Sob este novo desenho urbanístico, além da fratura e especialização entre locais de trabalho e de relações familiares, dos cômodos das residências, pode-se falar ‘da separação dos corpos entre si, do afastamento entre os homens e seus próprios corpos’ (RODRIGUES, 1999, p. 110). É como se um dos importantes fatores da Revolução Industrial, o fenômeno do ‘cercamento dos campos’, nas terras cultiváveis da Europa, se repetisse no âmbito individual, à medida que se ‘apertava o cerco’ na direção de cada pessoa. Na esfera subjetiva, assim como nas configurações espaciais, modificam-se a condição ‘individual’ e as relações interpessoais:

‘Já que o progresso levou à lenta passagem do gregarismo ao individualismo, a concomitante tendência à interiorização e à introspecção isolou pouco a pouco no interior do espaço doméstico um espaço mais privado do qual o corpo de cada homem e de cada mulher constituiu o invólucro. [...] a elevação contínua do nível de existência, a partilha desigual dos frutos da expansão no interior do modo de produção senhorial e a diferenciação dos papéis sociais avivaram os contrastes entre cidades e campos, entre casas ricas e casas pobres, entre o masculino e o feminino, enquanto que, inversamente, a circulação sempre mais rápida dos homens, das idéias e das modas fazia esfumarem-se os particularismos regionais e propagava, de um extremo ao outro do Ocidente, modelos uniformes de comportamento’ (DUBY,1995, p. 13-4).

No século XVIII, na esteira dessas separações entre domínios, preocupações sanitárias levaram ao revestimento das superfícies de paredes e muros, fechando, com rebocos e tintas, as fendas e interstícios. Estes temores continham uma lógica cultural específica e surgiram bem antes da descoberta pausteriana dos microorganismos. Depois de Pasteur, esta lógica teria se redobrado e se aplicado aos corpos portadores de micróbios, por excelência, os pobres. Novos medos de contágio levaram à separação e à condução dos miseráveis, mendigos, doentes e loucos para lugares adequados. ‘Doravante, evocar a limpeza será fundamentalmente opor-se às negligências populares, aos fedores orgânicos, às promiscuidades descontroladas’ (RODRIGUES, 1999, p. 118).

Sob o feudalismo, os vastos espaços desertos que separavam os dispersos agrupamentos humanos eram a morada dos ‘lobos’. Deixando de lado o medo do fogo dos infernos após a morte, propagado pelo cristianismo - em todo caso, o castigo também estava ‘fora’ deste mundo - na vida terrena, atravessando os muros e as pontes levadiças, trancando as pesadas portas com cuidado, alcançava-se, são e salvo, o alívio da proteção da coletividade.

Com a centralização do poder político sob a forma do Estado-Nação, dotado de soberania sobre uma vasta e definida porção territorial, observamos uma concomitante mudança dos medos. As relações de troca de fidelidade por proteção, no âmbito local, dão lugar ao conceito de cidadania, estendido a todos, com algumas ‘exceções’. Ao mesmo tempo em que grandes avenidas servem à circulação de ‘anônimos’ e cidades se abrem ‘a todos’, deve-se separar as exceções, a fim de preservar a segurança e o bem-estar da população. Neste momento, o perigo não está fora. Não seria mais o caso de ‘nos trancarmos’: a prescrição político administrativa caminha no sentido de separar o joio do trigo, de retirar os lobos de perto e levá-los para trás das grades.

AMANHÃ: O indivíduo e seu espelho

O sentimento, aparentemente tão óbvio, de ‘sentir-se como um indivíduo’, é expresso nas primeiras palavras que proferimos: meu nome é fulano, sou da Universidade tal. Norbert Elias apontou com clareza a historicidade do tipo de autoconsciência que traz consigo a noção de um ‘interior separado do mundo externo como que por um muro’: Ao contrário de eterno e universal, ela corresponde a uma estrutura psicológica peculiar, estabelecida ‘em certos estágios do processo civilizador’ (ELIAS, 1994, p. 8-32).

Símbolo da maneira individual de estar no mundo, o uso do espelho, instaurado desde o medievo, foi sendo cada vez mais difundido. A palavra alemã para ‘eu’ (ich) apareceu, por sua vez, somente quando os membros da aristocracia, por volta de 1500, tornaram-se conscientes deles mesmos como indivíduos separados da comunidade (DALE, 1997, p. 103). Pouco a pouco, vai se estabelecendo o sistema de nomes e registro geral, que tem como modelo emblemático a ‘carteira de identidade’. Antes, a saga de Jean Valjean, protagonista do romance ‘Os Miseráveis’ (HUGO, 2007), ao falsear a identidade a fim de escapar de uma sanção penal, era comum e não parecia inverossímil: ‘ainda por volta de 1880, o indivíduo astucioso podia mudar de pele a seu bel-prazer’ (CORBIN, 1995, p. 430-431).

A noção de individualismo retirou do nascimento o caráter decisivo como critério na hierarquia social, de maneira que ‘a cada um é imposta a necessidade de definir sua posição e elaborar as imagens de si’, gerando insatisfação e novos sofrimentos íntimos, à medida que passa a ser atribuída ao indivíduo a responsabilidade por seu destino, seja sucesso ou fracasso. Desde então, ‘o sentimento de identidade individual se acentuou e se difundiu’ (CORBIN, 1995, p. 419), passando por transformações tão radicais que levam alguns estudiosos contemporâneos a afirmarem que o sujeito moderno está vivendo uma crise. Por outro lado, a atual relevância da ‘boa-forma’ do corpo, objeto de culto permanente, pode ser uma evidência do acirramento das responsabilidades individuais.

O fato é que, no esforço de negação do mundo medieval, a irrupção da modernidade está intimamente ligada ao advento do individualismo. Designação abrangente, a modernidade refere-se a uma ‘série de mudanças materiais, sociais, intelectuais e políticas que tiveram o seu ponto de partida no final do século XVII e na órbita do século XVIII, na Europa, com a emergência e a difusão do Iluminismo e que acabaram por se misturar com a Revolução Industrial e com as transformações trazidas pelo capitalismo’, até reunirem os elementos do círculo cultural em que vivemos (FRIDMAN, 2000, p. 10). Se na Europa do Antigo Regime havia uma separação e uma legislação definidas para os papéis sociais tradicionais de cada um dos três Estados – clero, nobreza e burguesia - grandes mudanças levaram a uma substituição de privilégios por normas aplicadas isonomicamente a todos os ‘indivíduos’.

Conflitos nas esferas da organização política, jurídica, modos de produzir, de comerciar e nas subjetividades fazem com que a idéia de ‘moderno’ confunda-se com a de ‘caos’. O surgimento da Sociologia está imbuído da reflexão de seus fundadores – Marx, Durkheim e Weber - acerca da nova fase que se inaugurava e de seu ‘estranhamento’ diante dela (QUINTANEIRO, 2002, p. 9).

A ‘insatisfação’, o incessante impulso para a inovação e a intervenção sobre a natureza residem no âmago do projeto da sociedade moderna, diferenciando-a das sociedades tradicionais. Este impulso pode ser representado pela imagem de um canteiro de obras sem fim (BERMAN, 1987). O desejo de modificar o corpo consiste num exemplo observável de uma atitude ante a existência. ‘Não parar nunca’, ‘não parar de mudar’, é o mote destes tempos, expressado pela canção dos ‘Rolling Stones’: ‘I can get no satisfaction, but I try, but I try, but I try...’

Baudelaire descreveu o caráter efêmero da modernidade e o papel do artista em busca de extrair ‘o eterno do transitório’ (BAUDELAIRE, 1996, p. 24). Se é que existe algum sentido de continuidade histórica, ela deve ser descoberto em meio ao ‘turbilhão’, em suas intrínsecas rupturas e fragmentações (HARVEY, 2003, p. 22). Schumpeter refere-se a uma ‘destruição criativa’, de modo que o empreendedor, figura heróica do desenvolvimento do capitalismo, seria o ‘destruidor criativo’ par excellence. Símbolo de coragem e poder, ele representa o sujeito que leva ao extremo as conseqüências da inovação técnica e social (HARVEY, 2003, p. 27).

O mito de Fausto serve de base para análises filosóficas e sociológicas que nele enxergam a metáfora da atitude de destruição (BERMAN, 1987), voltada para dominar e transformar a natureza. A fim de alcançar a eterna juventude, Fausto sofre as conseqüências do pacto com Mefistófeles. Sua trajetória leva a indagar ‘como poderia um novo mundo ser criado sem que se destruía boa parte do que viera antes’ ou, ainda, ‘como fritar um ovo sem quebrá-lo’ (HARVEY, 2003, p. 26).

Os canteiros de obras dão origem à cidade moderna, cujo traçado, cada vez mais planificado, obedece a parâmetros racionais, condizentes com a etapa que se inaugura. No corpo, trata-se de definir músculos, delimitar-se em sua própria pele, nas construções, são reforçados os muros, paredes, calçadas, cercas, meio-fios. O asfalto que reveste terra, a velha ‘estrada de chão’, simboliza o poder do homem de se proteger dos contágios da natureza. A abertura de largas avenidas é parte de toda uma nova demarcação do espaço - em termos de agricultura, mobiliário, arquitetura e urbanismo. Esta se reflete num tipo de percepção que isola o sujeito do mundo a seu redor, afinando-se com o individualismo, síntese do afastamento entre as pessoas, por meio do ‘fortalecimento das fronteiras da privacidade no interior do invólucro corporal pessoal’.

Simultaneamente, modificam-se as preocupações do Estado: enquanto no século XVII, a presença física do rei era imprescindível para o funcionamento da monarquia, ‘no decorrer do século XIX, é o corpo da sociedade, princípio básico da República, que deve ser preservado

(FOUCAULT, 1986, p. 37). À sociedade passam a ser aplicadas ‘receitas terapêuticas’, ou métodos de assepsia, tais como ‘a eliminação dos doentes, o controle dos contagiosos, a exclusão dos delinquentes’ (FOUCAULT, 1985, p. 30).

A imperiosa autoconfiança da ciência mascara o medo do ‘contágio’ com suas prescrições. Na passagem para o XIX, o domínio do cristianismo clássico dá lugar à instituição médica. Passando a se tratar da sexualidade em termos de exigência de ‘normalidade’, a prescrição cristã do pecado e do castigo foi substituída por problemas médicos da vida e da doença. ‘A carne’ é transferida para o ‘organismo’ (FOUCAULT, 1985, p. 111).

Afinado com a idéia de assepsia da sociedade, um conceito de atividade física baseada no ‘exercício’ – palavra que tem a mesma origem que ‘exército’ – tem como meta purificar também o corpo do ócio e das partes ‘suas’, como a gordura. Apropriando-se do conjunto de técnicas das instituições de confinamento dos Estados-Nação - escolas, fábricas, hospitais, prisões, casernas - as sociedades industriais desenvolveram ‘uma série de dispositivos destinados a moldar os corpos e as subjetividades de seus cidadãos’ (SIBILIA, 2002, p. 31). Não somente na esfera da sexualidade, mas também na alimentação, reprodução, trabalho, lazer e ‘qualidade’ com que se realizam os movimentos – o saber médico ‘toma conta’ do corpo.

Tendo analisado prisões, manicômios e conventos - locais de residência ou trabalho onde um grande número de indivíduos, com situação semelhante, é separado da sociedade mais ampla, levando uma vida fechada e formalmente administrada - Goffman trabalhou com o conceito de ‘instituição total’ (GOFFMAN, 2001). Outras instituições compartilham essas características, e Foucault já havia atentado para as semelhanças arquitetônicas entre as escolas, os hospitais e as prisões. O tipo de prescrição de movimentos, na esfera das práticas corporais, inspirado nas atividades militares, também demonstra pontos em comum entre os domínios do trabalho e do lazer, do cuidado com o corpo. Todavia, a cidade moderna prevê a construção de grandes praças e avenidas, e apesar das referidas semelhanças nas ações, existe uma demarcação de limites entre o público e o privado, trabalho e lazer.

Separados os incluídos na urbanidade dos dela excluídos, aos primeiros resta o sonho de uma cidade livre e segura, vigorando a crença iluminista de que a ciência traria uma vida melhor para a humanidade, o fim da miséria, a resolução de doenças, o adiamento fústico da morte. Obviamente, desde que os elementos incômodos sejam devidamente apartados e encerrados em suas celas.

Contudo, ainda não vislumbramos aquele futuro anunciado. Ao invés do espaço das liberdades, foi o território cercado por grades que se expandiu e englobou a ‘já velha’ cidade

moderna. Outras perspectivas de demarcações espaciais, outras configurações psicológicas, novas maneiras de viver e experimentar o mundo têm surgido, embora não se pretenda dizer aqui que são as únicas. Ao invés de mais praças, mais praças de alimentação nos shopping centers. Mais adiante, subindo as escadas rolantes, sem sair para a rua, queimam-se as calorias adquiridas na mega-academia. Chegamos aos ‘não-lugares’, monitorados por câmeras, onde não se podem distinguir tão facilmente os lobos, pois eles estão entre nós, por toda parte, e começamos a desconfiar de nós mesmos .

HOJE: a academia e outros não-lugares

‘Antes de pegar o seu carro, Pierre Dupont quis tirar dinheiro no caixa eletrônico. A máquina aceitou seu cartão e autorizou-o a retirar 1.800 francos. Pierre Dupont digitou, então, as teclas que compuseram 1.800. A máquina solicitou-lhe um minuto de paciência e depois liberou a quantia combinada lembrando-o de pegar o cartão. ‘Obrigada e volte sempre’, concluiu ela, enquanto Pierre Dupont arrumava as notas na carteira. [...] Estacionou no 2. subsolo (ala J), guardou seu cartão de estacionamento na carteira e depois dirigiu-se aos balcões de embarque ’ (AUGÉ, 2003).

‘A mega-academia abre todos os dias de 6:00h às 23h e tem mais de 2000 frequentadores. Suas portas pantográficas abrem-se para um hall, onde, recepcionistas ao balcão de computadores liberam ou não a passagem pela roleta eletrônica. O coordenador informou que os princípios da empresa sintetizam-se no conceito de ‘clube’: ‘Apesar do preço alto, é possível usufruir de uma grande variedade de atividades: squash, natação, musculação, spinning, - áreas para descanso e lazer como lanchonete, sofás, aparelhos de televisão e sauna. Isso facilita a integração na academia, que passa a fazer parte do cotidiano do aluno. A atividade física hoje deve ser bio-psico-social. A idéia é que as pessoas estejam bem fisicamente e que façam amigos sempre’ [...]. ‘Tem gente que passa 3, 4 horas por dia na academia, depois de treinar, ainda pode pegar uma sauna’, relatou (PERES, 2005).

Um salto no tempo, outro cenário urbano. Para alguns teóricos, o conceito de Estado-Nação não dá mais conta das transformações por que vem passando o mundo globalizado, onde fronteiras econômicas e culturais tornam-se cada vez mais permeáveis. Imponentes edifícios ao longo de grandes avenidas ainda ecoam ideais iluministas, mas, aqui e ali, novos canteiros de obras destinam-se à construção de castelos espelhados com pouca ou quase nenhuma relação com a vida social ao redor, o que se percebe pelo olhar desolado daqueles que esperam por seu demorado ônibus num ponto. A cidade moderna vai cedendo lugar a imensos

espaços vazios pontuados por gigantescas construções que encerram em seu interior uma espécie de microcosmos capaz de satisfazer todas as necessidades de seus praticantes. O ruído repetitivo de máquinas mistura-se ao aroma perfumado dos ‘não-lugares’ que ali se anunciam, destinados seja à moradia, seja ao trabalho, às compras ou ao lazer.

Aeroportos, hipermercados beirando rodovias de alta velocidade, na Avenida Brasil ou qualquer periferia, shopping centers, condomínios fechados de luxo de bairros como a Barra da Tijuca, no Rio de Janeiro, ou congêneres... Num percurso inteiramente filmado por câmeras, para entrar, é necessário passar por guaritas, portões eletrônicos, onde funcionários vestem uniforme da empresa de segurança terceirizada.

Augé considera a ‘supermodernidade’ como produtora de ‘não-lugares’, espaços que não são, em si, lugares antropológicos e que não integram os antigos como a modernidade baudelairiana. Não se pode, porém, simplesmente opor um suposto espaço não-simbólico do não-lugar ao espaço simbólico do lugar, pois esta definição negativa nos impediria de enxergar toda sua carga de significados. Segundo Augé, a supermodernidade é caracterizada por um tipo de ‘superabundância’ em que o excesso de espaço constitui-se, paradoxalmente, pelo encolhimento do mundo. Os não-lugares são produzidos em meio à concentração urbana e à alteração da escala, em termos planetários, da circulação de pessoas e bens (AUGÉ, 2003).

Fora destes domínios, o perigo do total desolamento. Dentro, o perigo, vigiado. Teriam os lobos se espalhado por toda parte?

Espaços de passagem, aparentemente seguindo um mesmo conceito de arquitetura, aos não-lugares ‘falta’ alguma coisa: compartilham de uma impessoalidade reluzente, pés direitos gigantescos, vidros espelhados, grandes tubos aparentes de climatização do ar suspensos no teto, pisos assépticos, funcionários uniformizados, eventualmente calçando patins, roletas eletrônicas, câmeras, câmeras e mais câmeras de segurança, acompanhadas dos avisos: ‘SORRIA, VOCÊ ESTÁ SENDO FILMADO’.

O enunciado é dirigido a ‘você’, o que remete ao indivíduo, tipo de percepção do projeto da modernidade. Pelo pronome, ainda se identificar a idéia emblemática daquela era. No entanto, esse indivíduo é radicalmente diferente daquele sujeito soberano do Iluminismo. Se o ‘cercamento dos campos’ serviu de metáfora para seu surgimento, no presente, além de demarcarem suas fronteiras, ‘o cerco se aperta’ pressionando nosso ator de tal maneira que se torna uma camisa-de-força: há câmeras por toda parte. A pressão atinge e ultrapassa a superfície da pele, já que ele é virtualmente vigiado, e o sufoco ensaia o irromper num colapso, apontado como uma suposta crise do sujeito moderno. O sentimento de insatisfação

mantém-se, mas adquire novos contornos. Autores divergem se esta crise representa uma continuidade ou um ponto de inflexão, o fato é que não se sabe o que virá depois dela...

Ainda que submetido a um relativo anonimato, ao partilhar a identidade dos passageiros, motoristas, clientes desconhecidos, o consumidor-usuário do não-lugar mantém com ele uma relação baseada em contrato, cuja comprovação de não-inadimplência é solicitada a cada passagem aberta com seu cartão magnético. De certo modo, ‘o usuário do não-lugar é sempre obrigado a provar sua inocência’ (AUGÉ, 2003). É o que ele faz quando exhibe seu cartão, carteira de sócio, placa do carro, senha, quando é conferida sua imagem fotográfica gravada previamente ou as digitais por um aparato fotoelétrico.

Modificando o panorama da cidade, sob um inédito padrão de segregação espacial e de interações entre pessoas, estes conjuntos de escritórios, shopping centers, e cada vez mais outros espaços, condomínios, escolas, hospitais, academias, centros de lazer e parques temáticos, têm sido adaptados para se conformarem a esse modelo. A principal característica é se tratarem de ‘propriedades privadas, para uso coletivo, que enfatizam o valor do que é privado e restrito, ao mesmo tempo que desvalorizam o que é público e aberto na cidade’.

Além disso, são:

‘[...] fisicamente demarcados e isolados por muros, grades, espaços vazios e detalhes arquitetônicos [...] voltados para o interior e não em direção à rua, cuja vida pública rejeitam explicitamente [...] controlados por guardas armados e sistemas de segurança, que impõem as regras de inclusão e exclusão [...] flexíveis: devido ao seu tamanho, às novas tecnologias de comunicação, organização do trabalho e aos sistemas de segurança, eles são espaços autônomos, independentes do seu entorno, que podem ser situados praticamente em qualquer lugar. [...] Em contraste com formas anteriores de empreendimentos comerciais e residenciais, eles pertencem não a seus arredores imediatos, mas a redes invisíveis (CALDEIRA, 2000, p. 259)’.

Caldeira descreve a experiência deste novo estilo de vida citando um trecho do romance ‘Estorvo’(1991). Um ato banal como visitar alguém implica em lidar com guardas particulares, identificação, classificação, intercomunicadores, portões eletrônicos, cachorros e muitas suspeitas, ainda aumentadas quando se ‘anda a pé’, usando o espaço público da cidade de maneira inesperada. Condomínios fechados não são lugares para os quais as pessoas caminhem ou passem, mas devem ser aproximados por meio de automóvel, apenas por seus moradores, uns poucos visitantes, e, é claro, os empregados, que devem ser mantidos sob controle e comumente são encaminhados para uma entrada especial, a famosa entrada de serviço (CALDEIRA, 2000, p. 257-258):

‘O vigia na guarita fortificada é novo no serviço, e tem a obrigação de me barrar no condomínio. Pergunta meu nome e destino, observando os meus sapatos. Interfona para a casa 16 e diz que há um cidadão dizendo que é irmão da dona da casa. [...] A casa 16, no final do condomínio, tem outro interfone, outro portão eletrônico e dois seguranças armados’ (CALDEIRA, 2000, p. 257).

Este tipo de moradia das classes altas das metrópoles consiste na versão residencial de uma categoria ampla de empreendimentos urbanos que Caldeira chamou de ‘enclaves fortificados’, evidenciando mudanças relevantes na maneira como as pessoas das classes média e alta vivem, consomem, trabalham e gastam seu tempo de lazer (idem: 258). Eles resultam de ‘uma cultura do medo que faz com que a classe média se trancafie em condomínios murados e deixe de reconhecer o ‘outro’, o pobre, como pessoa portadora de direitos’, num enclausuramento que ‘compromete cada vez mais o convívio (...) entre pessoas de diferentes mundos sociais’ (CRUZ, 2003, p. 152).

Enquanto mais uma modalidade de não-lugar, a mega-academia será o destino adequado à prática de atividade física, na busca de saúde e beleza. Afinada com a maneira de viver nos enclaves fortificados, busca tanto um tipo de segurança espacial presente em outros edifícios - preocupação indispensável de seus freqüentadores, que desejam tranqüilidade enquanto ‘malham’ - quanto no que se refere às concepções de saúde, corpo, vida e morte sobre as quais se sustenta.

Localizada dentro de um shopping center, numa área nobre da cidade, a mega-academia associa os objetivos da atividade física a uma convivência prazerosa com pessoas com afinidades em termos de lazer, estilo de vida e nível sócio-econômico. Com formato diferente das pequenas academias pioneiras da década de 1980, as atuais mega-academias, de meados de 1990, consistem em empresas, com alta complexidade administrativa, dezenas de funcionários, forte publicidade e excelência em serviços. Oferecem o que há de mais recente em tecnologia acerca da atividade física, num leque variado de opções e extensa grade horária de funcionamento. Embora situada num local fresco, o projeto arquitetônico hermeticamente fechado não aproveita a ventilação natural. Seus freqüentadores, em sua maior parte, gostam da temperatura muito fria, importante em relação à escolha daquele local. O ar-condicionado forte remete às idéias de ‘climatização geral da vida’ e de ‘primavera perpétua’, cunhadas por Baudrillard ao descrever os ambientes da sociedade de consumo em que não se tem pistas acerca do horário ou estação do ano lá fora (1975).

Seu praticante, protagonista de mais uma fábula ‘supermoderna’, depois de se aprontar para sair de casa, abre por controle remoto a cancela de seu condomínio residencial murado, dirige

até a vaga de clientes vips do estacionamento do shopping, que dá acesso às portas pantográficas do hall sem ter que sair ao ar-livre, ultrapassa a roleta eletrônica, adentra um ambiente gélido, mas ele está bem agasalhado por seu jogging adquirido na última viagem ao exterior, deixa a mochila num armário com cadeado personalizado do vestiário, levando apenas uma garrafa com água, a chave para acessar seu programa de atividade computadorizado e uma toalhinha de rosto - os aparelhos lembram que o uso de toalha é obrigatório: a transpiração é simultaneamente esperada, como um sinal de utilização da via aeróbia de energia, mas desde que ‘tratada’, pois o contato com secreções alheias causa nojo. Após uma ou duas horas de ‘malhação’, se dispuser de alguns minutos, pode relaxar na sauna, onde esboça um breve diálogo com outros freqüentadores, cujo perfil sócio-econômico é devidamente selecionado pelo preço da mensalidade, toma banho, troca novamente de roupa, despede-se das recepcionistas, dirige até o estacionamento da empresa onde trabalha, cuja entrada é liberada por seu crachá funcional magnético. Como ele trabalha o dia inteiro sentado, a prescrição de objetivos resultante de sua primeira avaliação física para melhorar sua forma e saúde já era esperada: ‘perder tecido adiposo’ e ‘ganhar massa muscular’, além de algumas observações acerca da postura e da flexibilidade.

Primeiro passo para começar a freqüentar a academia, a avaliação inicia-se por uma ‘anamnese’, em que são verificados o peso, a altura, e medido o perímetro dos membros com fita métrica e da quantidade de tecido adiposo nas ‘pregas’ da pele por meio de um ‘plicômetro’. A prova de esforço consiste em pedalar respirando num bocal, enquanto eletrodos registram seus sinais eletrocardiográficos. Em seguida, é medida sua flexibilidade inclinando o tronco para a frente. As informações são disponibilizadas no computador e impressas numa pasta. Recomenda-se refazer o exame após três meses a fim de verificar se os objetivos foram alcançados. Elabora-se uma prescrição individualizada de exercícios, na maioria das vezes, uma seqüência constituída de aquecimento, alongamento, musculação, uma atividade aeróbica e/ou uma aula ‘a gosto do freguês’. O professor traça essa rotina com base no tempo que o aluno diz ter à disposição para malhar, quantas horas, dias por semana e em qual período do dia. É uma programação objetiva e pragmática, como ir a uma loja e se servir dos produtos mais convenientes para sua necessidade.

Cada aparelho de musculação recebe o nome do respectivo movimento, em inglês, pois importado: ‘adutor’, ‘extensor’, com um mapa ressaltando o grupo muscular trabalhado. Entre as ‘séries’ o visor demonstra o tempo de descanso, em geral de 30 segundos: ‘rest for 30, 29 seconds ...’. Os equipamentos ergométricos simulam deslocamentos, pedaladas, caminhadas, subidas e corridas, com velocidade monitorada. Deles, pode-se assistir a filmes (canal de tevê

a cabo) e um dos monitores exibe, em tempo real, as imagens da câmera de segurança localizada no ‘Child Care’, nome dado à sala onde crianças pequenas podem brincar enquanto aguardam seus pais.

Há uma grande variedade de aulas, desde ginástica localizada, abdominais, ‘step’, ‘jump fit’, ‘body combat’, lutas, danças, até yoga, ‘prana balls’, alongamento e flexibilidade, de modo que se contemplam diferentes estilos de públicos. Numa sala com bicicletas apropriadas, simulando ladeiras e terrenos planos, com música estimulante, a aula de ‘spinning’ é uma das mais concorridas. Às segundas feiras costuma-se fazer fila para pegar senha para uma bicicleta, o que foi atribuído, por uma funcionária, ao fato de que ‘as pessoas comem muito no final de semana e precisam queimar as calorias’. Há campeonatos em que se chega a pedalar indoors por cerca de cinco horas seguidas, simulando uma viagem até outra cidade. Também é possível descarregar a raiva sem ter que bater em ninguém, na aula de body combat.

Os equipamentos possuem uma lógica semelhante à dos carros e computadores. A relação íntima com a máquina, típica da sociedade capitalista, desde o estacionamento do shopping em que se é saudado com ‘bem vindo e boas compras’ e ‘obrigado e volte sempre’, mantém-se nas salas de ginástica. Ao mesmo tempo, comandos ao corpo visam aproximá-lo de um padrão ótimo. A idéia de favorecer a homeostase - equilíbrio fisiológico do organismo - é similar à da manutenção de máquinas. Os sistemas de ar-condicionado e de som centrais, as câmeras, os monitores, somados aos aparatos informatizados traçam o quadro de um meio controlado, o qual, de maneira semelhante aos laboratórios, favoreça que as intervenções propostas ocorram com uma margem de erro mínima.

As mega-academias representam enclaves fortificados no domínio da atividade física e do lazer. Embora se pareçam com versões futuristas dos castelos medievais, quando se está dentro, não se pode esperar acolhimento. As fronteiras do invólucro pessoal construído em torno da noção de indivíduo estão ainda mais reforçadas. Ao descrever a maneira como hoje se enfrentam problemas pessoais, Bauman afirma que a única coisa que a companhia de ‘outros sofrendores’ tem a oferecer é a garantia ‘de que enfrentar os problemas solitariamente é o que fazem diariamente’. Problemas podem ser semelhantes, mas não adquirem qualquer qualidade nova, nem se tornam mais fáceis de manejar por serem enfrentados, confrontados e trabalhados em conjunto, pois não formam uma totalidade que é maior que a soma de suas partes (BAUMAN, 2003).

Beck define a maneira como se vive hoje como uma solução biográfica das contradições sistêmicas. Riscos e contradições continuam a ser socialmente produzidos, mas o dever e a

necessidade de enfrentá-los passaram a ser individualizados. Se alguém fica doente, supõe-se que foi porque não foi suficientemente decidido para seguir seus tratamentos, se ficam desempregados, é porque não sabem passar por uma entrevista (idem, 2003), se engorda, é porque não seguiu a prescrição de dieta e exercícios corretamente

Observemos a fileira de esteiras e bicicletas ergométricas em que cada praticante queima suas calorias assistindo à televisão ou ouvindo música por seus fones. Meditemos se esta seria a única possibilidade de realizar movimentos...

A resposta de um professor, em tom de brincadeira, a uma aluna que acabava de chegar de uma viagem a Minas Gerais e contava ter comido muito torresmo lá, me chamou particularmente atenção: ‘Chegando, vai direto ao cardiologista’.

Além da necessidade de estar malhando num local supostamente protegido por câmeras, as atitudes contemporâneas com relação ao cuidado com a saúde refletem uma espécie de hipocondria crônica e paranóica. Bauman recorda que Freud havia ressaltado que temos o hábito de enfatizar a causalidade fortuita da morte – acidente, doença, infecção, idade avançada – nos esforçando para reduzir a morte de necessidade à oportunidade. O gesto moderno de fatiar o desafio existencial num agregado finito de problemas a serem resolvidos um a um, pelo know-how e os meios técnicos necessários, hoje, deu lugar a uma intensificação do horror e elevação da potência destrutiva da morte. Ele descreve isso em termos de uma ‘desconstrução da morte’, característica da modernidade líquida, onde esta se torna uma presença permanente, estritamente vigiada, em cada realização humana, sentida 24 horas por dia, sete dias por semana:

‘Da ameaça da morte não há agora um só momento de descanso. A luta contra a morte começa no nascimento e continua presente pela vida afora. Enquanto prossegue, é pontilhada por vitórias – ainda que a última batalha esteja fadada à derrota. Antes dela, contudo (...), a morte permanece velada. Fragmentada em incontáveis preocupações com incontáveis ameaças, o medo da morte satura a totalidade da vida, embora na forma diluída de uma toxidade um tanto reduzida. Graças à ubiquidade de suas pequenas doses, é improvável que o pavor da morte seja ‘ingerido totalmente’ e confrontado em toda a sua medonha horripilância, sendo suficientemente comum para poder paralisar o desejo de viver’ (BAUMAN, 2008, p. 59).

No moderno, inventada a máquina, pode-se ligá-la e desligá-la. Hoje, vive-se sob uma situação de stand by. Os equipamentos estão sempre alerta, assim como devemos nos manter. Vigilantes. Utilizando respectivos instrumentos de proteção, nesta luta contra os perigos, externos, as câmeras, internos, toda a parafernália médica de prevenção e exames, buscamos sentimos como se estivéssemos nos ‘cuidando’. Nossas atitudes e movimentos refletem

também uma maneira de enfrentar os medos, sob controle racional e por métodos quantitativos – contando calorias, número de repetições, séries, por exemplo.

CONCLUSÃO

Confesso que concluo este ensaio incomodada com seu tom pessimista. Porém, sem tempo para revertê-lo, por ora, peço desculpas à alegria contagiante do carnaval do Rio de Janeiro, onde foliões pulam ao ar livre, sem câmeras, sem contar calorias nem minutos: não se pretende negar os benefícios da atividade física, ainda que em instituições hermeticamente fechadas, nem generalizar este recorte fotográfico para todas as atividades e construções espaciais humanas, mas simplesmente desenhar algumas delas.

Com os lobos lá ‘fora’, bastava ‘entrar’. Ampliados os territórios nacionais, eles foram enjaulados às margens muradas, restando aos ‘incluídos na cidadania’ a chance de transitar livremente pelas amplas avenidas e praças. A luta contra o medo da atualidade conjuga elementos inéditos com o resgate e amplificação de outros. Foram os muros que se expandiram e englobaram o sonho de liberdade e não o contrário: não foi a ‘Praça’ que cresceu, mas sim a ‘praça de alimentação’ do shopping. Novos castelos, entre grandes espaços vazios desprotegidos, abrigam uma multidão de indivíduos sozinhos realizam, em companhia de desconhecidos, atividades semelhantes, seja comer, comprar ou malhar. Os lobos, proliferados exponencialmente, vivem na amplidão do deserto onde não haverá nunca uma quantidade suficiente de câmeras, e também dentro do não-lugar, caso contrário, para quê câmeras? Não desapareceram, mas se avizinham, brotam de nossos próprios corpos, o que nos leva a desconfiarmos de nós mesmos, vigiando permanentemente o perigo no espaço praticado e dentro de nós: comportamentos celulares suspeitos, excessos, inadequações, pequenas manchas, pregas adiposas, rugas inesperadas...

Ante a carência de Praças e o excesso de alimentação, é preciso encontrar um lugar – seguro - para queimar tantas calorias.

REFERÊNCIAS

AUGÉ, Marc. **Não-lugares. Introdução a uma antropologia da supermodernidade.** Campinas, SP. Papirus, 1994.

BAUDELAIRE, Charles. **Sobre a Modernidade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

BAUDRILLARD, Jean. **A Sociedade de Consumo.** Lisboa: Edições 70, 1975.

BAUMAN, Zigmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003

_____. **Comunidade**: a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

_____. **Medo Líquido**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1987.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. **Cidade de Muros. Crime, segregação e cidadania em São Paulo**. São Paulo: Editora, 2000.

COHN, Gabriel (org.). **Max Weber**. Coleção Grandes Cientistas Sociais. Coord: FERNANDES, Florestan. São Paulo: Ática, 1989.

CORBIN, Alain. **História da Vida Privada. Da Revolução Francesa à Segunda Guerra**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

CRUZ, Natália Mori. **Decifra-me ou Te Devoro! O Caos Urbano nas Cidades Contemporâneas – O Caso de Brasília**. 2003. 112 folhas. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Departamento de Sociologia, Universidade de Brasília, Brasília, 04/11/2003.

DALE, Karen. Identity in a culture of dissection: body, self and knowledge. In: HETHERINGTON, Kevin. MUNRO, Rolland. **Ideas of Difference. Social Spaces and the Labour of Division**. Oxford: Blackwell Publishers, 1997. IV, p. 94-113.

DUBY, Georges. **História da Vida Privada. Da Revolução Francesa à Segunda Guerra**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade. V 1. O uso dos Prazeres**. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

_____. **Vigiar e Punir**. Petrópolis: Vozes, 1986.

FRIDMAN, Luis Carlos. **Vertigens Pós-Modernas. Configurações Institucionais Contemporâneas**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2000.

GAIMAN, Neil; MCKEAN, Dave. **Os Lobos Dentro das Paredes**. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

GOFFMAN, Erving. **Manicômios, Prisões e Conventos**. São Paulo: Perspectiva, 2001.

HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna**. São Paulo: Loyola, 2003.

HUGO, Victor. **Os Miseráveis**. São Paulo: Martin Claret, 2007.

PERES, Marta Simões. **Corpos em Obras:** Um olhar sobre as práticas corporais em Brasília. 2005. 347 folhas. Tese (Doutorado em Sociologia) - Departamento de Sociologia. Universidade de Brasília. Brasília, 2005.

QUINTANEIRO, Tânia Maria, **Um toque de clássicos.** Durkheim, Marx e Weber. Belo Horizonte: UFMG, 1995.

RODRIGUES, José Carlos. **O Corpo na História.** Rio de Janeiro: Fiocruz, 1999.

SIBILIA, Paula. **O homem pós-orgânico.** Corpo, subjetividade e tecnologias digitais. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.